

2015-07-02 08:59:50

<http://justnews.pt/noticias/esta-e-a-minha-casa-esenfc-recebe-debate-sobre-o-quotidiano-de-doentes-mentais-no-meio-rural>

«Esta é a Minha Casa»: ESEnFC recebe debate sobre o quotidiano de doentes mentais no meio rural

A Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnFC) organiza, hoje à tarde, o colóquio/debate “Esta é a minha casa: vi(ver) n(a) comunidade”.

O colóquio, com início às 14h30, tem o objetivo de "revisitar as paisagens da saúde mental a partir da experiência de trabalho e do olhar da câmara do enfermeiro Pedro Renca", cujo documentário sobre o quotidiano de doentes mentais no meio rural, intitulado “Esta é a Minha Casa”, será visionado logo após a sessão de abertura, que estará a cargo da presidente da Escola, Maria da Conceição Bento.

"São também revisitados alguns espaços conceptuais comuns como são as questões da ‘psicofobia’, dos critérios subjacentes à definição do ‘normal’ e do ‘patológico’, assim como à forma como se reconhecem e desconhecem os problemas e territórios da saúde mental", refere a organização do colóquio/debate, da responsabilidade da Unidade Científico-Pedagógica (UCP) de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica.

“Psicofobia ou o medo de nós?”, “Saúde Mental: a ‘maior das minorias’” e “Reconhecimento versus desconhecimento dos problemas de saúde mental” são os títulos das comunicações que se seguem, a cargo, respetivamente, dos professores Luís Loureiro, Ana Paula Monteiro e Amorim Rosa, que constituem as comissões científica e organizadora do colóquio.

Na sua opinião, "As questões relacionadas com o encerramento progressivo dos grandes hospitais psiquiátricos e consequente desinstitucionalização dos doentes mentais e seu regresso às famílias e à comunidade assumiram lugar de destaque ao longo da última década e são uma realidade atual".

Na apresentação do evento, salientam ainda as diferentes perspetivas que existem sobre estas medidas:

"Defendidas por ‘uns’ como tendo um carácter mais humanista e sendo mais eficazes do ponto de vista terapêutico (com continuidade de cuidados e acompanhamento técnico na comunidade), parecem indiciar que a institucionalização não deve ser vista como ‘uma medida cómoda para gente que incomoda’. Contudo, ‘outros’ têm questionado os critérios de pendor economicistas destas medidas que transformam o doente num peso para as famílias que vivem já na esteira do estigma e da discriminação sociais. Além disso, as respostas comunitárias de apoio a doentes e famílias e os sistemas de apoio em saúde mental são ainda escassos, pouco articulados e tendem a não acompanhar as necessidades emergentes de uma desinstitucionalização em massa".